



MODA E TERRITORIALIDADE: A MODA E O CONCEITO DE TERRITÓRIO EM MILTON SANTOS

Fashion and Territoriality: Fashion and Milton Santos' Concept of Territory

Barbosa, Carlos Alberto; Dr.; Universidade Anhembi Morumbi,
carlosalberto.barbosa@gmail.com¹

Grupo de Pesquisa Design e Filosofia:
Teoria e Crítica dos Processos de Design

Resumo: Este artigo discute a aproximação dos campos da geografia e da moda, tomando do primeiro o método analítico do espaço conforme discutido por Milton Santos (2014b), a fim de auxiliar na construção de uma crítica que leve em conta as diferentes forças que operam sobre a moda na constituição de sua periodização e de um território que ela ocupa, e a partir do qual ela se constitui.

Palavras chave: Design de Moda; Território; Milton Santos.

Abstract: Emerging from an analytic of space proposed by Milton Santos (2014b), this article discusses the fields of geography and fashion. The discussion helps to construct a critical approach to fashion, in order to think about its periodization and occupied territory from which it is constituted.

Keywords: Fashion Design; Territory; Milton Santos.

Introdução

Este artigo busca a aproximação teórica entre os campos da moda e da geografia, a partir do conceito de *território* presente em alguns textos selecionados do geógrafo Milton Santos (2006a; 2013; 2014a; SANTOS e SIVEIRA; 2006).

¹ Docente do curso de Design de Moda da Universidade Anhembi Morumbi, Bacharel em Comunicação Social (FAAP), Mestre em Filosofia (PUC-SP), Doutor em Design (PPG-Design da Universidade Anhembi Morumbi) e líder do Grupo de Pesquisa Design e Filosofia: Teoria e Crítica dos Processos de Design (DGP-CNPq)



Moda e território não constituem uma relação de toda estranha a Milton Santos. Mesmo que de forma rápida e passageira, em *O espaço do cidadão* (SANTOS, 2014a, p. 49), o autor inclui o tema nas suas reflexões ao afirmar que a moda

Não é mudança para atingir o futuro, mas para permanecer no passado. A moda é um desses artificios com o qual as coisas ficam as mesmas, embora aparentando transformação. A moda é manivela do consumo, pela criação de novos objetos que se impõem ao indivíduo (Ibid., p. 49)

Ao identificar na moda a condição conservadora de uma permanência no passado, na medida em que é um ‘artifício com o qual as coisas ficam as mesmas’, mesmo que ‘aparentando transformação’, o autor volta seu olhar para uma contradição na moda, ao indicar a existência de um estado de imobilidade, mas cuja aparência é mutável. A aparência de transformação seria a isca para impor os objetos aos consumidores. A atração e imposição revelaria ainda a verdadeira intenção por trás do consumo: a dominação dos corpos e do território. Dominação que, como será visto mais adiante, é resultante da ocupação do espaço e consagração de um território pelo uso desse espaço. Ao definir o que se impõem aos indivíduos, o mecanismo da moda é revelado como estratégia para o domínio do território, este continente e conteúdo daqueles que sobre ele transitam, produzem e significam. Ou ainda, conforme Monardo (2009, p. 2-3) ‘[...] o controle dos corpos se dá para controlar a forma de produzir as relações e, portanto, a própria direção que a vida dos seres humanos toma. Para o controle do território são controlados os corpos [...]’.

Mas como se passa do consumo de objetos para o conflito e domínio do corpo e do território? O que se entende por território, e como a moda está presente nesse contexto? Se a moda é ‘manivela do consumo’, conforme afirmou Milton Santos, e tem força para impor novos objetos aos indivíduos, essa mesma energia não poderia evocar um movimento contrário, de revelação dos embates que se dão sobre o território, no lugar de ser apenas o sinal de dominação?



Partindo da crítica que Milton Santos levanta sobre os aspectos de consumo e dominação que recaem sobre a moda, este texto pretende localizar a moda nessa analítica do espaço proposta por Milton Santos (2014b), e com isso mostrar que nos mesmos escritos do autor é possível verificar a possibilidade e um olhar crítico da moda sobre os espaços geográficos e os conflitos que dão origem aos territórios. Trata-se aqui, portanto, de uma leitura que pretende em parte ser uma leitura a contrapelo do texto de Milton Santos. Em parte, porque não o contraria, mas busca revelar no seu próprio texto passagens que permitam um entendimento da moda como elemento revelador do processo histórico em meio à dinâmica do uso do território.

Para tanto, primeiramente serão introduzidos os conceitos de espaço, paisagem e território a partir da obra de Milton Santos, para que então sejam apresentadas as noções de periodização, localização e lugar. A partir deste ponto, serão retomadas as citações sobre moda efetuadas pelo autor em *O espaço do cidadão* (2014a), para que seja demonstrada a possibilidade de localizar a moda na analítica do espaço (SANTOS, 2014b) e, portanto, localizar a moda no campo da geografia. Na prática, esse esforço metodológico deverá apontar a relação da moda com o espaço mutável e seus diferentes territórios de pertencimento, os quais abrigam as periodizações e localizações da própria moda no contexto histórico.

1. Espaço, paisagem e território: a moda no contexto geográfico

A fim de estabelecer os critérios para a localização da moda na analítica do espaço proposta por Milton Santos (Ibid.), e buscar um entendimento da forma como o autor chama a moda para suas reflexões, é prudente que primeiro seja explorado o próprio objeto da geografia, para que então a moda seja situada nesse universo.

Muito embora Milton Santos tenha levado a cabo uma discussão fecunda sobre o conceito de território, mais especificamente o conceito de território usado, o qual toma corpo a partir de 1987, com a publicação de *O espaço do cidadão* (cf. MORAES, 2013), convém retomar alguns de seus textos anteriores, nos quais a preocupação em



estabelecer as bases para uma geografia crítica (SANTOS, 2006b) e o esforço em garantir os fundamentos metodológicos dessa nova geografia (Idem, 2014b) são objetos de reflexão do autor.

Em 1978 foi publicada a primeira edição de *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica* (Idem, 2006b). Nesse texto, o autor argumenta que o espaço geográfico deve escapar das armadilhas montadas no entorno de uma definição que radicaliza posições e inviabilizam o acompanhamento da mobilidade própria do espaço geográfico. Assim, a geografia deve tomar como elementos formadores do espaço geográfico não só os elementos naturais, mas também os fatores econômicos, políticos e simbólicos-culturais, que afetam e formam o território. Para o autor, 'A utilização do território pelo povo cria o espaço' (SANTOS, 2006b, p. 232-233), e ao fazê-lo evidencia o confronto entre o território dado e os novos limites e fronteiras que são redimensionados a partir dos usos e transformações sobre o espaço conquistado, fazendo do espaço um novo território. Dessa forma, em determinado lapso temporal, seja ele longo ou curto,

O território é imutável em seus limites, uma linha traçada de comum acordo ou pela força. Este território não tem forçosamente a mesma extensão através da história. Mas em um dado momento ele representa um dado fixo. Ele se chama *espaço* logo que encarado segundo a sucessão histórica de situações de ocupação efetiva por um povo [...] como resultado da ação de um povo, do trabalho de um povo, resultando do trabalho realizado segundo as regras fundamentadas do modo de produção adotado e que o poder soberano torna em seguida coercitivas. É o uso deste poder que, de resto, determina os tipos de relações entre as classes sociais e as formas de ocupação do território (Ibid., p. 233)

Assim, mesmo observando o território como fronteiras estáveis de um continente pacificado, o que seus limites contêm são ebulições e choques que estabelecem novas conformações aos limites a partir do uso do território ou da prática coercitiva que opera



sobre ele. O espaço, portanto, é produto histórico, dinâmico e mutável. O território, por sua vez, consiste no retrato de um instante da historicidade do espaço. É nesse fragmento de tempo, entre a mudança e constituição de novos territórios, no qual os limites são imutáveis, e é dentro desses limites que se vislumbra a historicidade do espaço mutável. Por isso, afirma Milton Santos, deve-se considerar o espaço ‘[...] como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica’ (SANTOS, 2014b, p. 12). Ao fazê-lo, constata o autor que, ‘[...] a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza’ (Ibid., p. 12). O espaço é *também* o conjunto desses elementos, desses objetos, e, *também*, a instância social que produz e instala tais objetos no próprio espaço.

O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. Assim, temos, paralelamente, de um lado um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua *configuração geográfica*, ou sua *configuração espacial* e a maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível, isto é, a paisagem; de outro lado, o que dá vida a esses objetos, seu princípio ativo, isto é, todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento (Ibid., p. 12)

Este conjunto de objetos e sociedade que formam o espaço, uma vez imbricados em uma unidade temporal, constituem o território. Território, portanto, é resultante também de uma relação espaço-temporal, e de uma relação que se dá pelo choque entre estabilidade e mobilidade.

Uma vez entendido o espaço em sua relação com o território como uma relação de conflito entre permanência e mobilidade, bem como o espaço como o continente que abriga objetos que formam a paisagem geográfica - incluindo entre esses objetos as peças do vestuário - e as forças sociais que ativam tais objetos, não seria a moda um microcosmo dessa paisagem e desse conflito? Para verificar tais possibilidades, deve-se



perseguir aqui mais algumas categorias nos textos de Milton Santos, a fim de identificar a relação tempo e espaço na moda, segundo tais princípios.

Periodização, localização e lugar: a moda e a complexidade do *mais pequeno*

Como foi visto até aqui, o espaço guarda essa característica de ser continente de um embate a partir do qual surge o território, essa porção estável do espaço mutável. Mas, olhando à miúdo, o espaço só se faz notar, ou apreender, na forma que o conteúdo lhe dá. É nas representações sociais e nos objetos que formam sua paisagem que ele emerge como extensão visual (Ibid., 2014b) das forças que operam e formam o território a partir do uso. Milton Santos aponta que

O movimento dialético entre forma e conteúdo, a que o espaço, soma dos dois, preside, é, igualmente, o movimento dialético do todo social, apreendido na e através da realidade geográfica. Cada *localização* é, pois, um momento do imenso movimento do mundo, apreendido em um ponto geográfico, um lugar. Por isso mesmo, cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas (Ibid., p. 13)

Localização e lugar, outros dois elementos que fazem parte dessa analítica do espaço em seus textos, se relacionam, conforme a citação acima, pela significação. Mais uma vez o elemento temporal se apressa em estabelecer conexão entre o transitório, o fugidio, e a permanência do espaço que se ressignifica. Localização, visto dessa forma, parece falar mais ao elemento temporal que a uma extensão territorial. Uma vez que a localização pertence à ordem da significação e opera sobre um espaço geográfico, ela estabelece um lugar que congela o ‘momento do imenso movimento do mundo’ (Ibid., p. 13). As escalas aqui parecem diminuir na proporção inversa em que o lugar ganha densidade, multiplicidade e velocidade. Quanto menor a periodização, mais eficiente será, ou deverá ser, o olhar que arranca a complexidade das forças que são exercidas sobre o lugar.



Tal periodização é tanto mais simples quanto maior a escala do estudo [...], e tanto mais complexa e capaz de subdivisões quanto mais reduzida é a escala. Quanto *mais pequeno* o lugar examinado, tanto maior o número de níveis de determinações externas que incidem sobre ele. Daí a complexidade do estudo do *mais pequeno* (Ibid., p. 13)

Vale notar, neste ponto, a observação de Barthes (2005) acerca do estudo do vestuário. Para ele, '[...] o vestuário é, a cada momento da história, o equilíbrio entre formas normativas, cujo conjunto, apesar disso, está o tempo todo em devir' (BARTHES, 2005, p. 259). Da mesma forma como o espaço que busca estabilidade entre os muitos devir do território.

A moda a contrapelo: vestuário, indumentária e traje como elementos do espaço geográfico

O vestuário, como se sabe, corresponde em Barthes (Ibid.) ao termo genérico equivalente à linguagem em Saussure. Assim como para Saussure a linguagem compreende a língua e a fala, o vestuário compreende a indumentária, como reserva normativa do conjunto, e o traje como sendo o '[...] modo pessoal como um usuário adota (ou adota mal) a indumentária que lhe é proposta por seu grupo' (Ibid., p.270). Para Barthes, a moda propriamente dita pertence ao campo normativo, ou seja, ao campo da indumentária. Uma vez que a moda pertence ao campo normativo, ela passa a ser da ordem da conservação, da manutenção do que pretende ser estável e imutável. Todavia, a norma não surgiu do nada, nem esteve sempre arranjada e disposta da mesma maneira para o usuário. O campo normativo da indumentária foi estabelecido a partir de choques e abalos disparados contra a norma vigente até então. Isso é facilmente comprovado ao examinar a história da indumentária ou em visita a um acervo histórico de peças de vestuário. Tais alterações da conformação e do vocabulário da indumentária se deu por substituição ao que então era de uso corrente, trocando as peças existentes por novas formas e novas representações, as quais, não raras vezes, foram em algum momento da esfera do traje. Como trajes, tais peças constituíram novos modos de usar,



adaptações e deslocamentos de partes do vestuário. Ao encontrar guarida e validação em determinado grupo social, as novas formas se estabelecem como norma, e entram para a esfera da produção e da indumentária.

A estrutura do movimento e do devir do vestuário se dá de forma semelhante a ocupação e uso do espaço geográfico que o constitui como território, cujos limites estáveis são assegurados em um breve espaço de tempo, até o novo embate que virá a localizar e constituir um novo lugar. Da mesma forma, os trajes forçam sua entrada no território da indumentária, constituindo novas normas.

Tais deslocamentos e uso peculiares que promovem o traje à alçada da indumentária ocorrem dentro de determinado espaço temporal, estabelecendo uma periodicidade para a moda. Quanto mais breve for essa periodicidade, mais específica a localização do lugar onde o embate se realiza e se estabiliza. Se na moda, por exemplo, o pesquisador tomar a Era Vitoriana como um todo, entendendo que a ela corresponde indistintamente uma forma genérica, a qual implica volumes e abundância de tecidos, ele corre o risco de não atentar para outras possíveis periodicidades e ciclos de mudanças que ocorrem dentro da própria Era Vitoriana. Assim, ao tratar o período de forma genérica, o pesquisador poderá ter sua visão embaçada, perdendo as minúcias e variações do período, que podem incluir diversidade de volumes e tecidos utilizados, variações de tipologia de mangas, comprimentos e profundidade de decotes, maior ou menor volume de pele à mostra, maior ou menor ajuste da cintura dos vestidos ao corpo, a adoção das calças *bloomer*, etc. Mas, além dos aspectos formais, o risco da generalização é principalmente a perda da observação das diferentes forças que atuaram para que tais mudanças ocorressem.

Dentro de um mesmo período que constitui um lugar na história da moda, diferentes localizações e forças diversas abalam as normas vigentes ou as descrições genéricas, ou ainda, como escreveu Milton Santos, ‘O lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam [...] A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um



lugar (SANTOS, 2014b, p. 13). A moda, assim, pode ser tomada como uma ‘continuidade visível’ que localiza um lugar.

Ao tomar o vestuário e a moda como um grupo dos muitos objetos que formam a paisagem do espaço, esses objetos especiais que vestem os corpos ocupados pelo consumo, e que circulam e compõem a paisagem urbana, estabelecem sua própria localização. Ao declarar aos diferentes olhares seus hábitos e desejos, seus diferentes pertencimentos a distintas classes e atividades, a moda demanda uma periodização do ‘mais pequeno’, cujo estudo amiúde deve revelar sua complexidade. O espaço por onde circulam esses objetos constitui um lugar não só de consumo, mas de conflito e luta para ocupação e dominação que são expressas nos modos e nas modas.

O campo do design, conforme afirmou Bürdek (2010), é determinante na conformação do homem e do seu entorno. Na mesma direção, Fallan (2010) aponta que uma História do Design só se realiza no seu aspecto diverso, considerando uma história da tecnologia, da arte, e da cultura de objetos, incluído nesta última as relações de consumo e de uso. Nesse sentido, é tarefa de uma crítica do design também pensar o homem e seu entorno a partir da diversidade de objetos e interfaces que promovem a mediação entre ambos, e fazem parte da formação de uma paisagem do espaço geográfico.

Ao se tomar o vestuário como ‘[...] um fato completo em cujo estudo se recorre ao mesmo tempo à história, à economia, à etnologia e à tecnologia [...]’ (BARTHES, 2005, p.282), poder-se-ia acrescentar o estudo do espaço e da geografia como corpos teóricos que auxiliam no entendimento da complexidade e na busca por uma leitura crítica do vestuário e da moda.

Para Santos e Silveira (2006, p. 20), ‘o território, visto como unidade e diversidade, é uma questão central na história humana’, e essa diversidade se faz presente nos modos de produção que operam sobre o território, incluindo a força de trabalho, materiais empregados na produção, as tecnologias disponibilizadas para os meios produtivos e os aspectos simbólicos dos objetos que circulam e interferem nos



processos de significação do território, permitindo que se estabeleçam novas territorialidades. Ao entender que ‘O território que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico’ (SANTOS, 2014a, p. 82), Milton Santos implica a importância dos processos simbólicos e da linguagem como fatores constituintes de território, no qual se inclui a moda e sua significação. Afirma Santos ainda que, ‘A linguagem regional faz parte desse mundo de símbolos, e ajuda a criar esse amálgama, sem o qual não se pode falar de territorialidade’ (Ibid., p. 82). Nesse sentido, a atividade projetual que envolve o campo da moda deve examinar a influência de sua interferência no território vivenciado e significado pelo homem, e seu potencial crítico. A moda, assim, não revela apenas a dominação engendrada por ela mesma, na forma de uma ‘manivela do consumo’ (Ibid., p. 49), mas pode revelar a complexidade de uma periodização do ‘mais pequeno’ (Ibid., p. 13). Tão pequeno e complexo quanto mais rápidas são as modas.

Considerações finais

Tendo em vista as inquietações que moveram este texto, e continuam a instigar esta pesquisa, o presente artigo aponta para a possibilidade de inserir a moda em uma análise do espaço, conforme os desenvolvimentos teóricos de Milton Santos, considerando a moda como um objeto constituinte da paisagem geográfica. Como tal, este objeto moda implica em uma periodização, localização e formação de um lugar, dentro da estrutura de conflitos que emergem da constituição de territórios nos espaços geográficos.

A partir do que foi aqui apontado, cabe indicar que esta pesquisa leva em conta que tais elementos, próprios de uma análise do espaço, ao serem considerados para uma crítica da moda enquanto campo teórico, demanda ainda um longo percurso, o qual inclui detalhar cada um desses elementos da análise do espaço na sua relação com a moda. Isso implica em um desenvolvimento futuro que deverá aclarar a constituição da moda como objeto da paisagem do espaço geográfico, estabelecer o método para definir



periodizações da moda e suas diferentes localizações que constituem lugares a partir dos quais ela pode ser observada como extensões visíveis dos conflitos que operam sobre a ocupação dos territórios.

Referências

- BARTHES, Roland. História e sociologia do vestuário. In: BARTHES, Roland. **Inéditos vol. 3** - Imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 257 - 281.
- BÜRDEK, Bernhard E. **Design** - História, Teoria e Prática. São Paulo: Blucher, 2010.
- FALLAN, Kjetil. **Design History** - Understanding Theory and Method. Oxford: Berg, 2010.
- MONDARDO, Marcos Leandro. O corpo como primeiro território de dominação: o biopoder e a sociedade de controle. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2009: 1-11. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/mondardo-marcos-o-corpo.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território na geografia de Milton Santos**. São Paulo: Annablume, 2013.
- SANTOS, M., e M. L. SILVEIRA. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- _____. **Espaço do cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- _____. **Espaço e método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- _____. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- _____. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.